

33º Encontro Anual da Anpocs
GT 25: Migrações Internacionais.

A comunidade judaica brasileira, suas identidades e redes de associação

Sydenham Lourenço Neto (UERJ)

Sydenham Lourenço Neto (Prof. Adjunto da UERJ)

Introdução

No ano de 2004, juntamente com a antropóloga e pesquisadora da UERJ Joana D'arc Bahia iniciei uma pesquisa sobre os imigrantes judeus que chegaram ao Brasil entre o período da primeira guerra mundial e o final dos anos 40. Inicialmente minha motivação estava mais ligada à questão da história da esquerda brasileira, era um dos objetivos da pesquisa entender melhor a grande presença de judeus entre os militantes comunistas brasileiros. Uma presença deveras superior a proporção dos judeus na população brasileira de forma geral.

Considerávamos que o entendimento dessa questão só seria possível a partir de uma compreensão mais geral do ethos social e cultural desses indivíduos. Por este motivo, fizemos a opção de conjugar a pesquisa de fontes documentais com entrevistas do tipo história de vida, realizadas com os representantes desse grupo que pudemos localizar nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. As informações que conseguimos obter com essas entrevistas forneceram um conjunto de dados que extrapolavam nossas intenções iniciais e ao mesmo tempo chamaram atenção para padrões sociais e comportamentais que não haviam sido previstos.

Nosso foco inicial era a questão da militância política, mas cedo percebemos que esta questão não podia ser completamente separada do cenário maior da sociabilidade. Espaços de militância e espaços de convívio ou mesmo lazer se sobrepõem e, no grupo que estudamos, todos tem a importância de reafirmar e legitimar uma certa cultura identificadora dos judeus de esquerda.

Mas, antes de continuar desenvolvendo esse ponto e o modo como ele pode se relacionar inclusive com a questão da mobilidade social no interior do grupo precisamos apresentar um breve histórico. Até mesmo para justificar a delimitação que utilizamos.

Que comunidade é essa?

Os estudos sobre comunidades de imigrantes muitas vezes pressupõem uma homogeneidade de identidades que parte do analista, mas não encontra eco na própria comunidade estudada. Italianos, principalmente aqueles que imigraram antes da unificação da Itália podem se identificar como sicilianos, napolitanos ou oriundos do vêneto. Da mesma forma pomeranos são identificados nas comunidades receptoras como alemães ou poloneses, mas ambas as identidades são parciais e problemáticas¹.

Esses problemas de identidade são particularmente complexos entre os judeus. A identidade judaica deve ser definida pela religião, pela etnia ou pela cultura? Este não é apenas um problema teórico, mas um problema com o qual as comunidades judaicas convivem cotidianamente. Isaac Deustcher, a partir de uma reflexão pessoal, considera que a identidade judaica é principalmente um legado cultural, que, embora guarde alguma relação com a religiosidade judaica não está delimitada por ela². Neste trabalho, quando nos referimos aos judeus, pensamos principalmente neste tipo de conceituação, mesmo sabendo que ela é polêmica, e não universalmente aceita pelos próprios judeus. Ao contrário, para alguns judeus conservadores essa proposta identitária tem como principal objetivo conciliar a militância política de esquerda com o judaísmo.

¹ BAHIA, Joana. **“O tiro da bruxa”**: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do Estado do Espírito Santo. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2000.

² Deutscher, Isaac. O Judeu Não-Judeu e outros ensaios. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1970.

Ainda é importante lembrar que mesmo se obtivermos um conceito amplamente aceito de judeu, ele não encerraria as múltiplas subidentidades que existem no interior da comunidade. Algumas dessas subdivisões são definidas por questões regionais, como aquelas que identificam os sefaradis e os askhenazis, mas existem também divisões culturais, ligadas aos usos do Hebraico ou ao uso do lídiche.

A comunidade judaica internacional teve trajetórias históricas e políticas muito diferenciadas, ainda que nos limitemos apenas no século XX. Uma dessas grandes fronteiras diz respeito à tradição política. Grande parte da comunidade judaica askhenazis, oriunda do centro e do leste europeu, esteve durante o início do século passado fortemente envolvida com luta políticas de esquerda. O próprio sionismo, enquanto movimento político, tem sua história inicial vinculada a movimentos de esquerda.

No seu livro, *Redenção e utopia*, Michael Lowi nos chama a atenção para uma “afinidade eletiva” existente entre a idéia de redenção messiânica no judaísmo e a idéia utópica revolucionária contida em formas do anarquismo e do marxismo³. Segundo o autor, essa afinidade eletiva encontrou terreno fértil para se manifestar na Europa Central entre 1870 e 1939, o que explica um grande número de intelectuais de esquerda de origem judaica naquele período, naquela região. Estudando vários intelectuais judeus dessa região, com destaque para Walter Benjamin, Lowi aproxima a busca por um novo mundo em que os judeus conseguiriam superar a diáspora, com a busca por um novo mundo sem classes, isto é, a utopia socialista.

O próprio autor, contudo, identifica uma forte presença de militantes judeus de esquerda em outras regiões, como o leste europeu. Em especial na Rússia e na Polônia, as condições sociais dos judeus teriam servido de berço para o Bund, importante organização de judeus comunistas russos que participou ativamente da revolução comunista de 1917.

³ Lowi, Michael. *Redenção e Utopia*. São Paulo, Cia das Letras, 1989.

Uma outra parte da comunidade judaica, principalmente aquela oriunda da Europa central, do norte da África e do Oriente Médio, não compartilha essa experiência política. Tal diferenciação não pode ser completamente englobada se trabalharmos com a clássica separação entre imigrantes políticos e econômicos. Muitos dos militantes de esquerda eram também imigrantes econômicos, já que passavam por dificuldades de sobrevivência nas suas regiões originais que nem sempre estavam ligadas a sua militância na esquerda.

Apesar da origem de esquerda do sionismo, em pouco tempo ele se torna um demarcador político que separa judeus sionistas, a maioria conservadores, de judeus socialista, comprometidos, em primeiro lugar, com as lutas universais dos trabalhadores, mas, também com um tipo particular de luta pela libertação dos judeus.

A importância que reivindicamos para essa questão pode surpreender, já que ela tem sido quase lateral nos estudos sobre judeus no Brasil, os trabalhos sobre a esquerda judaica e seu conflito com o restante da comunidade judaica se resume a alguns poucos artigos e capítulos de livro. Mesmo em coletâneas especificamente dedicadas ao estudo de judeus brasileiros, as referências a essa problemática são muito reduzidas. Por outro lado, nos estudos sobre a história da esquerda brasileira, praticamente não existem referências ao papel específico dos judeus, embora ela tenha sido considerável, provavelmente isto se explica pela abordagem classista da maior parte desses estudos, sem espaço para consideração de questões relativas à identidade e cultura.

Entre 1926 e 1942, mais de 50.000 judeus entraram no Brasil, sendo a maioria da Europa Oriental. Essa soma corresponde a mais de 50% da entrada total de judeus imigrantes no Brasil desde 1872⁴. Este foi, portanto, o auge da imigração judaica. Muitos destes judeus vieram por motivação econômica, mas vários outros em decorrência das ditaduras na Alemanha, Polônia, Hungria e Romênia, da crescente ascensão do anti-semitismo e também pela perseguição que sofriam aqueles que militavam nos partidos comunistas e no Bund.

⁴ Decol, René Daniel. *Judeus no Brasil: explorando os dados censitários*. In.: Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol.16 no.46 São Paulo, Junho, 200.

Redes de sociabilidade, preservação da cultura e capital cultural

É uma característica comum a boa parte das comunidades de imigrantes a tentativa de preservar elementos de sua cultura nos países para os quais imigram. Também não é incomum que imigrantes formem associações e clubes que celebram sua cultura original. Na comunidade judaica, contudo, esses procedimentos são exacerbados e ao mesmo tempo confrontados com a questão da cultura nacional de cada um deles. Sabemos que os judeus alemães, mais em São Paulo do que no Rio de Janeiro, mantiveram um certo nível de segregação com relação ao restante da comunidade, formando seus próprios clubes e bibliotecas.

Por outro lado, a necessidade de preservar uma cultura ainda que sem os vínculos nacionais tornava ainda mais premente a tarefa de manter o convívio entre os imigrantes. Até mesmo para, por exemplo, possibilitar o casamento endogâmico. Finalmente, especialmente no caso dos judeus de esquerda, a construção de espaços de sociabilidade era necessária para a manutenção de um certa cultura da esquerda judaica que esses indivíduos não gostariam de ver completamente diluída na cultura de esquerda dos brasileiros.

Como afirma uma de nossas entrevistadas:

“Até porque muitas dessas pessoas chegam pra cá nos anos 1920 militavam no Partido Comunista Polonês. Quer dizer, eles chegam aqui e a estrutura do Partido Comunista lá também é recente, quer dizer, na verdade, às vezes eles militavam em organizações anteriores né, sobretudo no BUND. E eles tinham uma atividade muito cultural, quer dizer, essa coisa de criar escolas, clubes, colônias de férias, quer dizer, uma coisa muito presente, inclusive a colônia de férias é a continuação das férias da escola, então você sempre tem aquele espírito do coletivo, da solidariedade, do humanismo, desde criança você é levado a um determinado tipo de, de caminho, né?! E esses imigrantes trazem essa experiência pra cá⁵.”

⁵ Entrevista realizada em 03/2005, DS.

Uma outra militante, cuja família chegou ao Brasil nos anos quarenta, em um estado diferente da entrevistada anterior nos deu uma declaração no mesmo sentido:

“Meu pai era um homem de esquerda, não militante, mas ele era um homem de esquerda, quando chegou aqui em Niterói logo se ligou ao grupo de judeus progressistas, fez teatro, fez tudo aquilo, já fiquei ligada a esse pessoal, já por intermédio de meu pai, meu pai por exemplo quando ele chegou aqui com a cara e a coragem a mulher e dois filhos não tinha uma pessoa que lhe conhecesse e que lhe pudesse dar referência, aí precisou alugar uma casa, aí ele procurou a comunidade judaica progressista e disse eu preciso alugar uma casa. Quanto que é o aluguel da casa? É vinte mil réis, aí vinte que estavam ali presentes cada um assinou como fiador do meu pai, cada um ficou responsável por hum mil réis, risos, dos vinte mil réis e nós tínhamos vinte fiadores na casa, quer dizer as pessoas investiram em papai, no meu pai.”⁶

Entre a primeira e a segunda guerra mundial foi criado no Brasil um grande número de entidades judaicas. Entre aquelas que tinham explicitamente o objetivo de preservar a cultura dos judeus idishista progressistas destacam-se a Biblioteca Israelita Scholem Aleichem (BIBSA), fundada na Praça XI, onde ele teria acesso a literatura em Idish em sua grande maioria relacionada a cultura progressista; a a Biblioteca David Frishman, que localizada em Niterói, tinha o mesmo papel da BIBSA, completando a rede de bibliotecas progressistas ainda havia a Biblioteca Michael Klepfisz, fundada no centro da cidade, e posteriormente transferida para Copacabana. A partir de 1928, com a Colégio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem, o judeu progressista do Rio de Janeiro também passa a ter uma escola especificamente voltada para o reforço de sua cultura, e, portanto, de sua identidade.

Mas, o imigrante recém chegado, em geral era abrigado em um tipo de associação de caráter mais assistencialistas. como exemplos, a Árbeter Kich (Cozinha do Trabalhador), o Centro Obreiro Brasileiro Morris Wintschevsky e o

⁶ Entrevista realizada em 04/2006, RF.

Socorro Vermelho Judaico (BRAZCOR). Além de receber e amparar o imigrante pobre, essas entidades encaminhavam o recém chegado para o trabalho político na esquerda brasileira. Tanto que o Socorro Vermelho foi uma das poucas entidades judaicas fechadas pelo governo Vargas durante a repressão que se seguiu a insurreição comunistas de 1935. Justamente sob a acusação de ser um centro de recrutamento e propaganda comunista.

O perfil do imigrante judeu que freqüentava essas entidades era de indivíduos oriundos em sua grande maioria da Europa Oriental e que já tinham uma militância na esquerda em seus países de origem. Também pudemos observar através de nossas entrevistas e de dados de filiação de algumas da associação que a maioria dos imigrantes que aqui chegavam oriundos do leste europeu exercia profissões artesanais, muitos eram operários, e é possível encontrar inclusive alguns camponeses. No grupo de 32⁷ entrevistados nenhum tinha nível superior antes de chegar ao Brasil, e apenas dois se declararam ou declararam que o seu pai era comerciante ou empresário⁸. Este perfil também é coerente com o que se verifica nas fichas de filiação que foram analisadas, embora não de foram exaustiva, de duas das associações de judeus de esquerda do Rio de Janeiro.

Nosso objetivo aqui não é fazer uma lista exaustiva dessas entidades, mas sim relacionar a existência dessas entidades com um fenômeno que pudemos verificar e que foi explicitamente comentado por pelo menos dois dos nossos entrevistados. Embora originalmente esses imigrantes fossem em sua grande maioria trabalhadores de baixa qualificação, chama atenção o fato de no tempo de uma geração esse perfil sócio-econômico mudou bastante. Vários dos nossos entrevistados fizeram curso superior no Brasil, ingressando assim em profissões liberais ou acadêmicas, quando isto não aconteceu diretamente com o imigrante aconteceu com seus filhos. Verificamos uma contundente mobilidade social, que segundo uma de nossas entrevistadas pode inclusive explicar o motivo do arrefecimento da militância de esquerda entre esses judeus:

⁷ Em alguns casos as entrevistas foram feitas com os filhos dos imigrantes

⁸ BS e EK

“Você tinha uma comunidade de imigrantes que vem pra cá, que é pobre, ahm... quer dizer, os anos (19)40/ (19)50 são anos de muita mobilidade social...e muitos daqueles imigrantes, que eram mascates, de repente viram industriais, tal né?! Então eu não diria que ficam de direita, eles mudam de posição de classe, digamos assim.”

Embora segunda a mesma entrevistada, mesmo mudando de posição política permanecia viva nesses indivíduos uma certa cultura democrática:

“o cara é um grande empresário, tem... ele acaba... mas no fim, eu acho que esses caras... Olha, pra você ter uma idéia de como que é isso... por exemplo, tem um cara que é do PNBE, o Saluceia, o pai dele foi um dos caras que era comunista, da Casa do Povo e tal, tinha uma pequena madeireira lá na rua do gasômetro, bom, no fim, os filhos fizeram essa empresa crescer demais, é a Madeireira Léo, que hoje é uma potência, tem ferragem, tem madeira, tem tudo que você queira, são muito ricos, né? São empresários, não tem mais nada a ver com o Partido e tal, né? Mas no meio empresarial eles racham com a FIESP no tempo da ditadura, do Mario Amato, desses caras todos trogloditas e funda o PNBE, entende? Que é uma coisa mais progressista, de um empresariado, digamos, que, que tem uma visão pelo menos de desenvolvimento do país, de não ser tão, tão capitalista selvagem, vamos dizer assim.. Então eu acho que tem coisa dessa trajetória que, que continua se transmitindo de alguma maneira”

Mesmo que originalmente esses imigrantes fossem principalmente trabalhadores braçais, eles contavam com um capital cultural acima da média da população brasileira. Durante o período estudado a taxa de analfabetismo no Brasil foi em média superior a 50% da população. A mesma taxa entre os imigrantes judeus era próxima de zero, entre nossos entrevistados todos já chegaram aqui alfabetizados e em geral em pelo menos uma língua nacional e o Idish⁹.

⁹ O termo ídich origina-se de Jüdisch, que quer dizer judaico em alemão. Para Jacob Guinsburg (1996), Além do hebraico, o ídiche, também chamado de Taytsh, é a língua primordial que define a identidade dos judeus. Muito apropriadamente, ele a define como “*uma língua errante*” ou uma “*língua passaporte*”. O ídiche, “*dialeto judeu-alemão*”, predomina entre os aschkenazi da região europeia-ocidental e europeia-oriental, incluindo o “*pale*” (zona de residência obrigatória para os judeus russos). Os homens eram educados no hebraico – a língua dos livros sagrados - aos quais as mulheres, assim como os menos letrados, não tinham acesso. O ídiche era falado pelas mulheres e se tornou a língua popular, usada em

Para os judeus de esquerda preservar o Idish significava um dupla luta pela afirmação de sua identidade, contra a assimilação por parte da língua nacional, mas também contra o hebraico, que o restante da comunidade parecia preferir, é que inclusive se tornou a língua oficial de Israel, após a fundação do estado Hebreu. Aliás, cabe mencionar que essa luta está quase completamente perdida, atualmente, mesmo entre os sócios mais novos dos clubes fundados pelos judeus progressistas é difícil encontrar alguém que fale ou sequer leia Idish.

Mas, justamente pela importância da língua, algumas das primeiras entidades formadas por judeus no Brasil eram bibliotecas, criadas, segundo os depoimentos que colhemos através da doação de livros que os imigrantes trouxeram em sua viagem para o Brasil. Essa foi a origem do acervo inicial da BIBSA e da ADAF. Inicialmente as reuniões nessas entidades eram uma espécie de círculo de leitura dedicado ao debate de obras de autores importantes que escreveram em Idish. Não surpreende, portanto, a baixa taxa de analfabetismo no interior da comunidade.

Mas, o trabalho cultural não se resumia a literatura. Tanto a ASA quanto a ADAF criaram corais e grupos de teatro igualmente destinados ao cultivo de obras teatrais e musicais importantes da cultura Idish. Esses grupos teatrais e corais se circulavam por boa parte do Brasil fazendo apresentações em entidades judaicas, o que fortalecia a rede de solidariedade entre essas entidades.

A partir dos anos 40 a comunidade passou a contar com jornais e revistas que sempre tinham uma seção dedicada a valorização da cultura judaica idishita. Podemos destacar o jornal “Nossa Voz” (*Unzer Shtime*) e a Revista “Reflexo”, ambos fundados em 1947.

família, a forma de comunicação com os filhos, a língua do cotidiano. A escrita do ídiche se fez com caracteres hebraicos. O autor afirma que o ídiche, mais o hebraico e o aramaico, são a base do “*universo cultural construído na esfera de Aschkenaz*”. GUINSBURG, Jacob. Aventuras de uma língua errante. SP: Ed. Perspectiva, 1996.

O quadro era completado com a existência da colônia de férias Kinderland, que foi criada e administrada durante muito tempo por judeus que se identificavam como progressistas, mas manteve-se aberta a judeus origens. A Kinderland foi fundada em 1947 pela Associação Feminina Israelita Brasileira de Auxílio à Infância Vítimas da Guerra (FIB). O depoimento de um dos nossos entrevistados mostra bem como essas entidades formavam uma grande rede de sociabilidade:

“eu vim da Polônia em 34 pra trabalho braçal e tal, depois fiz concurso e entrei para um banco, banco hipotecário de Minas, desse banco passei pro Boa Vista, fiquei sete anos no Boa Vista. Nesse tempo estava estudando Contabilidade, nessa Sociedade, e dessa Sociedade eu fui presidente da Biblioteca, sócio nº 1, presidente da ASA, fui presidente da Kinderland, trabalhei na Colônia, fui secretário do ICUF, fui diretor do colégio Scholem Aleichem”¹⁰.

No mesmo depoimento verificamos uma ilustrativa história de ascensão pessoal, de um trabalhador braçal que se tornou um profissional liberal – ele se graduou em Direito – e líder importante da comunidade. O entrevistado também foi uma liderança política destacada no Rio de Janeiro, atuando junto a esquerda brasileira.

É bom explicar que embora estejamos focando principalmente os judeus progressistas askhenazis, outros setores da comunidade também tinham suas entidades e elas realizavam também um trabalho cultural. A primeira entidade sionista criada no Brasil, foi a Tiferet Sion (a beleza de Sion) fundada em 1913. Seis anos depois surge a Organização Sionista do Rio de Janeiro¹¹. Eram organizações essencialmente políticas, que visavam influenciar a opinião pública e o governo brasileiro. Mas, os sionistas também fundaram entidades de tipo assistencial, como a Sociedade das Damas Israelistas, criada em 1923, e que visavam apoiar aos imigrantes e pobres da comunidade. Os filhos dos sionistas estudavam basicamente no Colégio Muguen David, mas tarde

¹⁰ Entrevista realizada em 04/05/2007. LG

¹¹ MALAMUD, Samuel. Do arquivo e da Memória: fatos, personagens e reflexões sobre o sionismo brasileiro e mundial. Rio de Janeiro, Bloch, 1983

nomeado, Colégio Hebreu Brasileiro. Não queremos sugerir que toda a comunidade de judeus do Rio de Janeiro possa ser dividida entre progressistas e sionistas, no entanto, aqueles que não estavam engajados em nenhum dos dois grupos, a maioria deles sefaradis, tinham uma maior probabilidade de frequentar as entidades sionistas do que as progressistas. Muito embora existissem espaços onde os vários grupos se encontravam, como o Clube Cabiras e a já mencionada colônia de férias Kinderland. O Clube Cabiras deriva de uma entidade anterior mais comprometida com a causa progressista, o *Idische Jugend Haim* (Grêmio Juventude Israelita). Mas, nos anos quarenta recebia uma clientela mais variada e eclética.

Para pelo menos uma das nossas entrevistadas, contudo, a preocupação com a formação educacional era maior entre os judeus askhenazis do que entre os sefaradis, comentando sobre o Clube Cabiras ela afirma:

“Aquele clube pertencia a judeus que se chamam sefaradis, que são os judeus do oriente médio, enquanto que os askhenazi são os judeus ocidentais. Então naquela época havia uma divergência muito grande. Porque os askhenazis, que eram a maioria, tinha a preocupação com a educação, com a continuidade dos estudos, não só do judaísmo, como eram ..., não significa que os nossos pais eram ortodoxos não! Mas era a preocupação das tradições. E os sefaradi eles terminavam o ginásio e iam trabalhar com os pais nas lojas. Então, havia naquela época uma diferenciação...para casar, agora já não existe mais essa diferença. Até que foi crescendo, crescendo e aí foram para a cidade e formou-se um clube em que tinha na época mais de 2000 sócios.”¹²

Nesse depoimento a questão da educação aparece inclusive como um delimitador entre as subidentidades dos judeus. Evidentemente não temos condições de avaliar até que ponto os judeus sefaradis realmente tinham uma preocupação menor com a educação formal, no entanto, a simples existência dessa percepção podia gerar consequências, inclusive uma preferência por parte dos askhenazis por casamentos no interior do seu próprio grupo.

¹² Entrevista realizada em 05 de maio de 2004. CF.

Novamente, temos também aqui a sugestão de que a valorização da cultura tinha uma relação com a ascensão social propiciada pelo alcance de profissões de nível superior, o que por sua vez permitia alcançar postos de liderança justamente nessas entidades, como de resto no conjunto da sociedade brasileira, que valorizavam o cultivo das tradições judaicas ao lado de uma boa formação cultural geral, num processo que se retroalimentava legitimando a continuidade de um padrão de comportamento e sociabilidade. É importante lembrar que estamos falando do Brasil da primeira metade do século, uma época em que essa valorização da cultura não pode ser considerado como um comportamento padrão, isto é, ele não se diluía no conjunto da sociedade, ao contrário era uma marca delimitadora.

Capital Cultural e ascensão social

Em seu trabalho clássico, *Reprodução cultural e reprodução social*, Bourdieu afirma que o consumo de bens culturais não é neutro nem tem resultados neutros que podem ser comparados ao funcionamento de um mercado, sem esquecer que mesmo os mais clássicos bens de mercado não obedecem a uma lógica neutra. O consumo de bens culturais enquanto bens simbólicos “só podem ser apreendidos e possuídos como tais (ao lado das satisfações simbólicas que acompanham tal posse) por aqueles que detém o código que permite decifrá-los”¹³. Por outro lado, a absorção desses códigos, e a valorização dos mesmos, pressupõe um conhecimento que extrapola os canais formais de educação. Isto é, aqueles que nos seus ambientes sociais, incluindo a família, convivem com bens culturais tem uma maior facilidade para absorvê-los.

Na realidade, a própria absorção do conhecimento formal oferecido pela escola é facilitada, por exemplo, pela familiaridade com um outro ambiente onde a prática da leitura seja cotidiana. O resultado é que “o livre jogo das leis da transmissão cultural faz com que o capital cultural retorne às mãos do capital cultural”¹⁴. Isto é, os benefícios dos bens culturais disponíveis num certo ambiente só são completamente aproveitados por aqueles que já tem um certo nível de familiaridade com esses bens. Ocorre, portanto, uma retroalimentação

¹³ Pierre Bourdieu. *Reprodução Cultural e Reprodução Social*. In: Pierre Bourdieu. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2007. p. 297.

¹⁴ Idem.

das diferenças culturais com óbvios efeitos sociais, novamente segundo Bourdieu, “encontra-se reproduzida a estrutura de distribuição do capital cultural entre as classes sociais”¹⁵.

Ainda que o objetivo principal do trabalho cultural das várias entidades judaicas fosse apresentado freqüentemente como uma questão de resistência cultural, a necessidade de manter viva uma cultura específica dos judeus de esquerda, uma das conseqüências desse trabalho era fornecer para os membros dessa comunidade o acesso e o hábito do consumo de bens simbólicos, como livros, apresentações de corais e peças teatrais numa intensidade muito maior do que aquela que verificamos entre a média da sociedade. Se levarmos em conta que estamos falando de um grupo formado em sua maioria por indivíduos que em sua terra natal eram trabalhadores braçais e lembrarmos-nos das estatísticas brasileiras sobre acesso a educação formal, especialmente com relação aos mais pobres, é fácil perceber que existia uma distância formidável entre os dois grupos.

Isto é, ainda que trabalhadores, o padrão de acesso aos bens culturais dos judeus que chegaram ao Brasil, especialmente os askhenazis era bastante superior ao dos trabalhadores brasileiros. Digamos que a classe social desses imigrantes não correspondia ao estrato cultural. Mas, não é apenas a diferença de escolaridade que justifica essa incongruência. Muito mais importante é a questão da valorização no interior do próprio grupo do conhecimento dos códigos culturais, incluindo a língua Idish. O fato de dominar pelo menos esse dialeto, além da língua nacional, era um demarcador de fronteira importante.

Temos entre os nossos depoimentos manifestações no sentido de que o judeu que não dominasse o Idish tinha sérias dificuldades de convívio no grupo dos judeus askhenazis. Segundo Rachel Mizrahi, o judeu que não conhecesse o Idish poderia até mesmo sofrer preconceito no momento em que tentasse casar com um askhenazi¹⁶. Em outros grupos, contudo, o domínio do hebraico era necessário, e também era freqüente que o imigrante dominasse o português e o idioma de seu país natal, fazendo questão que seus filhos também absorvessem esse conhecimento.

O domínio de várias línguas significava o acesso a uma literatura mais ampla. Um dos nossos entrevistados, que afirma ter sido um trabalhador braçal, se vangloriava de ter lido as obras de Lênin no original¹⁷, algumas delas antes mesmo de existir qualquer edição em português. Pela própria importância dos judeus no mundo do teatro internacional, o convívio desde pouca idade com a encenação de peças de autores judeus extrapolava os limites da cultura judaica.

¹⁵ Idem

¹⁶ Rachel Mizrahi, *Imigrantes Judeus do Oriente Médio: São Paulo e Rio de Janeiro*

¹⁷ Entrevista realizada em 04/05/2007. LG

De fato, mesmo numa pequena amostragem como a dos nossos entrevistados é significativo o número de familiares dessas pessoas que se profissionalizaram no teatro. Em menor medida também encontramos menção a vários músicos.

O próprio fato de mencionar essas ligações familiares indica uma valorização que por si só, através da retroalimentação mencionada por Bourdieu, explica a continuidade de uma tradição. Destacamos esses casos para enfatizar que não estamos falando da valorização de uma cultura exótica que se encerra no seu próprio grupo étnico. Mas, ao contrário de algo que partindo de uma cultura própria fornece elementos para o rompimento dos próprios limites étnicos. Isto é, os atores das peças judaicas, os maestros dos corais étnicos, não estavam apreendendo códigos étnicos exóticos, na perspectiva do restante da sociedade, mas principalmente estavam se tornando atores e músicos. Tais conhecimentos poderiam perfeitamente ser utilizados fora dos limites do grupo original.

Mencionamos um uso que vai além da profissionalização, a posse desses códigos serve também como uma marca de distinção que abre portas, em vários outros ambientes sociais. Como universidades, clubes da alta sociedade, e mesmo empregos em áreas não culturais. O único elemento que poderia bloquear o uso desses bens culturais como um passaporte para outros grupos sociais seria o antissemitismo generalizado.

Sabemos que durante o Estado Novo houve uma política de bloqueio da entrada de novos imigrantes judeus, como destaca Maria Tucci Carneiro¹⁸, mas discordamos de que se possa generalizar essa prática para todo o governo brasileiro, sequer nesse período. No mesmo período é possível encontrar membros do governo, inclusive da diplomacia brasileira defendendo o acolhimento de judeus. Mais inapropriado ainda seria tentar generalizar o antissemitismo para o conjunto da sociedade. Como lembra Roney Cytrynowicz, e nossos dados corroboram, é justamente durante as décadas de 30 e 40 que foram criadas um grande número de entidades judaicas¹⁹. Um número ínfimo dessas entidades teve problemas com o governo e a polícia, como o Socorro Vermelho, e as que tiveram eram explicitamente ligadas a esquerda comunista brasileira. Portanto, é bastante duvidoso que a razão principal do fechamento dessas entidades, assim como de algumas deportações, fosse a origem judaica.

¹⁸ Maria Luiza Tucci Carneiro. *O Anti-Semitismo na Era Vargas. Fantasmas de uma geração*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

¹⁹ Roney Cytrynowicz. *Cotidiano, imigração e preconceito: a comunidade judaica nos anos 1930 e 1940*. In.: Grinberg, Keyla. *Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

Se nos anos 30 e 40 havia uma ideologia de cunho racista essa era a que defendia o branqueamento da sociedade²⁰. Embora fosse possível encontrar intelectuais que questionavam a contribuição dos judeus para o branqueamento, como Athur Neiva²¹, essa não foi a posição majoritária entre os membros do governo. De fato, inclusive no senso comum da população, os judeus são brancos e beneficiam-se de toda uma política que valoriza esse fenótipo.

Sem a barreira de uma política antissemita, e nem de um sentimento antissemita generalizado na sociedade o capital cultural adquirido no interior de suas famílias e nas entidades étnicas podia facilmente ser adaptado e transferido na forma de um capital cultural genericamente valorizado pela sociedade, o que, como demonstrou Bourdieu serve como uma marca de distinção das classes sociais. Certamente esta não é a única explicação para a grande mobilidade social ascendente verificada na comunidade de imigrantes judeus no Brasil, no entanto, consideramos que é um elemento que de forma nenhuma deve ser desprezado, e seria interessante verificar se o mesmo fenômeno se processou em outros contextos nacionais, como os Estados Unidos e a Argentina, por exemplo.

²⁰ Jerry Dávila. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil 1917-1945*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

²¹ SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 199-228.

Bibliografia

AQUINO, Rubim S.L et alli. **PCB 80 anos de luta**. Rio de Janeiro, Fundação Dinarco Reis, 2002.

ALMEIDA, Francisco Inácio de (organização). **O ultimo secretário_ a luta de Salomão Malina**. Fundação Astrojildo Pereira, FAP, 2002.

BAHIA, Joana. **“O tiro da bruxa”**: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do Estado do Espírito Santo. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2000.

BARTH, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras In **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro, Contracapa editora,2000.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida In **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo, Ática, 1983.

_____. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2007.

BOLETIM DA ASA. Rio de Janeiro.Rio de Janeiro,Associação Scholem Aleichem, ano 1, número 4, fevereiro de 1990.

BOLETIM DA ASA. Rio de Janeiro.Rio de Janeiro,Associação Scholem Aleichem, ano III, número 18, maio e junho de 1992.

BOLETIM DA ASA. Rio de Janeiro.Rio de Janeiro,Associação Scholem Aleichem, ano 1, número 5, abril de 1990.ano IV,número 20, setembro e outubro de 1992.

BOLETIM DA ASA. Rio de Janeiro.Rio de Janeiro,Associação Scholem Aleichem, ano 8, número 48, setembro/outubro de 1997.

BOLETIM DA ASA. Rio de Janeiro.Rio de Janeiro,Associação Scholem Aleichem, ano XV, número 95, julho/agosto de 2005.

BOLETIM DA ASA. Rio de Janeiro.Rio de Janeiro,Associação Scholem Aleichem, ano XVI, número 96, setembro/outubro de 2005.

BOLETIM DA ASA. Rio de Janeiro.Rio de Janeiro,Associação Scholem Aleichem, número 102, setembro/outubro de 2006.

CARNEIRO, Maria L. Tucci. **O Anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

- CARONE**, Edgar. **O PCB**. (Vol 1: 1922- 1943; vol 2 : 1943-1964). São Paulo, Difel, 1982. 3 vol.
- CASTTELLS**. Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- CHILCOTE**. R. **O partido comunista brasileiro**. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- CLEMESHA**, Arlene. **Marxismo e judaísmo. História de uma relação difícil**. São Paulo, Boitempo editorial, 1998.
- CYTRYNOWICZ**, Roney. Cotidiano, imigração e preconceito: a comunidade judaica nos anos 1930 e 1940. In.: **GRINBERG**, Keyla (org). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.
- DÁVILA**, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil 1917-1945**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- DECOL**, René Daniel. *Judeus no Brasil: explorando os dados censitários*. In.: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol.16 no.46 São Paulo, Junho, 2001
- FINZI**, Roberto. Uma anomalia nacional: a questão judaica In HOBBSAWM, Eric. (org.) **História do Marxismo**. Trad. Carlos Nelson Coutinho et alii. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982.
- FEBROT**, Luiz Izrael “Elegia Saudosa para Unser Shtime- Nossa Voz” In: **Asa – Judaísmo e Progressismo** Ano VI; nº 35 maio/junho 1995.
- FRIDMAN**, Fania.**Paisagem estrangeira: memórias de um bairro judeu no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2007.
- GLAZER**, Nathan e **MOYNIHAN**, Daniel P.**Ethnicity Theory and Experience**. Harvard University Press, Cambridge Massachusetts, and London England, 1975.
- GUINSBURG**,Jacob. **Aventuras de uma língua errante**. SP: Ed. Perspectiva, 1996.
- GOLDBERG**, Luiz Mendel - “Nossa Voz - Unser Shtime (1947-1964); In: **Asa – Judaísmo e Progressismo** Ano VI; nº 35 maio/junho 1995.
- IOKOI**, Zilda Márcia Gricoli. **Intolerância e resistência: a saga dos judeus entre a Polônia, a Palestina e o Brasil.1930/1945**. São Paulo, Editorial Humanitas,2004.
- JENKINS**, Richard. **Rethinking Ethnicity. Arguments and explorations**. Londres, Sage Publications, 1997.

MIZRAHI, Rachel . Imigrantes judeus do oriente médio em são paulo e rio de janeiro. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

OKAMURA, Jonathan. Situational ethnicity. **Ethnic and Racial Studies.** Londres: v. 4, n. 4, out. 1981.

KINOSHITA, Dina Lida. O ICUF como uma rede de intelectuais In **Revista Universum.** Universidade de Talca, 2000. n. 15.

KUPERMANN, Ester. ASA - Gênese e trajetória da esquerda judaica não sionista carioca In **Revista Espaço Acadêmico,** número 28, setembro de 2003.

LERNER, David, Entrevista concedida a Jacques Gruman e Marcos Chor Maio. **Boletim ASA** Rio de Janeiro, junho, 1990.

LIMONCIC, Flávio. . Um mundo em movimento: a imigração asquenaze nas primeiras décadas do século XX. In.: **GRINBERG, Keyla (org).** **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

LOURENCO NETO, Sydenham. Imigrantes Judeus no Brasil, marcos políticos de identidade. **Revista Locus** (Juiz de Fora), v. 14, p. 223-237, 2008.

LÖWY, Michael. **Redenção e Utopia: O judaísmo libertário na Europa Central.** São Paulo, Editora Schwarcz, 1989.

MAIO, Marco Chor. **Nem Rothschild Nem Trotsky. O pensamento anti-semita de**

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Camaradas e companheiros: memória e história do PCB.** Rio de Janeiro, Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.

PERREIRA, Astrojildo. **Construindo o PCB (1922 / 1924).** Org. e introd. Michel Zaidan. São Paulo, Ciências Humanas, 1980.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social In **Estudos históricos.** Rio de janeiro, Fundação Getúlio Vargas, vol.5, n.10, 1992, p.200-215.

POLLACK, Michael. Memória, silêncio e esquecimento In **Estudos históricos.** Rio de janeiro, Fundação Getúlio Vargas, vol.2, n.3,1989, p.3-15.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: **PANDOLFI, Dulce (Org.). Repensando o Estado Novo.** Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 199-228.

SCHNEIDER, Abraham Josef - "Histórias da Bibsa 4" - In: **Asa - Judaísmo e Progressismo** Ano IX; nº 53; julho/agosto 1998.

SENDACZ, José. Um homem do mundo. São Paulo; Ed do Autor, 2005.